



## Como estudar as charges

## How to study the cartoons

Nobu Chinen<sup>1</sup>

Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP

 10.11606/2316-9877.2023.v11.e220848

Na manhã do dia 7 de janeiro de 2015, dois homens invadiram a sede do jornal satírico *Charlie Hebdo*, em Paris, e assassinaram 17 pessoas, entre as quais, alguns dos mais notórios chargistas franceses, uma chacina que causou comoção no mundo inteiro.

O que motivou o massacre, levado a cabo por dois muçulmanos, irmãos franceses, de origem argelina, que a imprensa não demorou em classificar como terroristas, não foi uma causa política específica, uma vingança pela perda de

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Email: [nobuchinen@uol.com.br](mailto:nobuchinen@uol.com.br).  <https://orcid.org/0000-0003-3632-2354>.

algum ente querido ou algum prejuízo financeiro expressivo sofrido. O ato foi uma retaliação à equipe da Charlie que vinha publicando charges que, segundo a visão dos assassinos e de milhares de outras pessoas que pensavam como eles, eram ofensivas aos seus credos e valores religiosos.

Alguns anos antes, em 2005, a publicação de várias charges com a imagem de Maomé, profeta e figura central do islamismo, no jornal dinamarquês Jyllands-Posten, desencadeou uma onda de protestos entre as comunidades muçulmanas de vários países e provocou a morte de dezenas de pessoas, além de detonar uma crise diplomática entre a Dinamarca e vários países de população muçulmana. Tudo porque na tradição do islamismo, não é permitida a representação de imagens de Maomé.

A menção desses dois episódios retrata como o humor gráfico, que inclui a caricatura e a charge como formas de expressão e que, a princípio, deve servir para provocar risos, também pode despertar sentimentos profundos de ódio, indignação e revolta. Esses são exemplos extremos de uma reação exacerbada às charges, mas elas, em sua essência, não são criadas para que o cidadão, ao abrir o jornal pela manhã, encontre uma peça de humor para tornar o seu dia mais leve. Pelo contrário, são concebidas para criar no leitor um sentimento de oposição e uma postura crítica em relação ao tema ou personagem abordado, ainda que o façam rir. Ou seja, embora seja construída com os mesmos artifícios para se fazer humor, as charges são assunto muito sério. E é com seriedade acadêmica e profundidade intelectual que Rozinaldo Miani, aborda esse gênero narrativo em *Charge: elementos de teoria e subsídios para uma metodologia de análise*, da editora Criativo.

A charge, como produto editorial, é um antecessor das histórias em quadrinhos. Os principais recursos presentes na elaboração dos primeiros quadrinhos, como o estilo de desenho caricatural (ou cartunesco) dos desenhos, a composição dos painéis e os balões de fala são herança das soluções utilizados pelos chargistas e que foram incorporadas gradualmente há pelo menos três séculos.

Em sua maioria, os livros sobre caricatura e charge se atêm ao aspecto histórico ou apresentam análises sob o ponto de vista da construção de humor a partir da deformação visual da face humana, focando, portanto, no aspecto visual como elemento cômico.

No âmbito da produção estrangeira, há muitas obras dedicadas à caricatura, como o pioneiro estudo *Rules for drawing caricatures*, de 1788, do inglês Francis Grose (2011), e inúmeros livros abordam as charges, porém, com foco na análise política, social ou religiosa, sendo diversos deles dedicados aos dois acontecimentos citados envolvendo o Islã.

Poucos livros, no entanto, são voltados ao estudo das charges como expressão ou produto editorial. Uma exceção é *The art of controversy: political cartoons and their enduring power* (Navasky, 2013). Victor Navasky (1932-2023) enumera diversos casos de agressão e mesmo assassinato de chargistas em diferentes países e ocasiões, desde 1987 a 2011, e que não ganharam a mesma repercussão dos episódios mencionados na abertura desta resenha, mas que demonstram como as charges têm a capacidade e o potencial de despertar reações violentas ao redor do mundo. Navasky era um dos proprietários da *The Nation*, mas durante anos, atuando como editor, ele foi o responsável por aprovar ou rejeitar a publicação de charges dessa tradicional revista norte-americana, alinhada ao pensamento progressista, mais à esquerda na política dos Estados Unidos. Embora não seja uma obra acadêmica e sem se aprofundar em conceitos, o livro de Navasky sugere uma metodologia, baseada muito mais em sua experiência empírica, dividida em três diretrizes: Teoria do Conteúdo; Teoria da Forma; e Teoria da Neurociência.

No Brasil, existem diversos textos disponíveis que servem de orientação para a leitura da charge ou a sua interpretação, tópico, aliás, abordado por Miani, mas são abordagens sob um aspecto didático, de construção de sentido, a partir de referenciais das artes visuais e da semiótica. Nesse âmbito, dois bons exemplos são os livros *A leitura da charge* (Flores, 2002) e *O humor como discurso de prevenção: o cartum sob a ótica da pragmática* (Lins; Gonçalves, 2013), ambos constantes da bibliografia de Miani, e que trazem vários exemplos de análises de charges.

Nenhuma dessas obras, porém, propõe uma metodologia de análise mais complexa, que é especificamente, o caso do livro de Miani e, nesse sentido, sua obra constitui uma importante contribuição para o campo de pesquisa do humor gráfico.

Respaldado por uma extensa e abrangente bibliografia e um vasto conhecimento sobre o assunto, Miani escreve com a autoridade de quem vem se

dedicando há mais de 25 anos ao assunto, tendo desenvolvido dissertação de mestrado, tese de doutorado e trabalho de pós-doutorado sempre sobre o tema das charges.

No primeiro capítulo, Miani apresenta uma breve história da charge e explora os conceitos e as diferenças entre esse gênero, os quadrinhos e os cartuns para marcar os limites do campo de pesquisa que ele se propõe a analisar.

O segundo capítulo é dedicado a explicitar a metodologia proposta pelo autor que sugere três elementos essenciais para uma “análise chárstica”, expressão cunhada pelo próprio autor para denominar esse tipo de estudo.

O primeiro é a contextualização e ancoragem histórico-conjuntural, fator, aliás, que diferencia um cartum de uma charge, pois esta sempre tem a ver com a realidade e o momento histórico de uma determinada sociedade enquanto o outro tem caráter atemporal e universal. O segundo é a análise discursiva: condições de produção e ideologia, que leva em conta os integrantes intrínsecos da charge. Já o terceiro é produção imagética e seus elementos semióticos e estéticos, que aborda a construção de sentido pelos aspectos visuais de uma charge. Miani considera esses três componentes como sendo essenciais para uma análise chárstica e admite que outros fatores podem ser incluídos, o que demonstra as diversas possibilidades de pesquisa e a riqueza expressiva contida nas charges.

Por sua formação e afinidade ideológica, há um nítido viés simpático à produção alinhada à esquerda com a qual, a propósito, se identifica a maioria dos chargistas mencionados na obra. Miani, assumidamente, tem como foco as charges produzidas para a imprensa sindical e, naturalmente, o ponto de vista da classe trabalhadora. Seria interessante que Miani também incluísse na sua análise, exemplos da produção do campo oposto, ou seja, as charges que são contra a esquerda, mesmo que fosse para apresentar um contraponto.

Esclareça-se, a seu favor, que Miani até aborda essa categoria, que ele e outros autores por ele citados chamam de imprensa burguesa ou grande imprensa, ou seja, os jornais de grande vendagem e circulação, os quais defenderiam os valores e princípios da classe média conservadora. Não é possível ignorar, no entanto, que muitas das críticas voltadas à elite política e econômica constantes das publicações alternativas acabam sendo reproduzidas nos “jornalões”. Mesmo aquele que é considerado o mais rebelde dos chargistas de sua geração, o mineiro Henfil, depois de ter uma marcante atuação na imprensa “nanica” e na sindical e ter

sido um dos “fundadores” do PT, em seus últimos dias (Henfil morreu em 1988) levava seus personagens para os jornais *O Globo*, no Rio, e *O Estado de S. Paulo*, em São Paulo, considerados redutos da elite conservadora brasileira que apoiou o golpe militar de 1964.

*Charge: elementos...* é um livro interessante para todos os públicos, mas tem o propósito de servir como um guia para pesquisadores de charges. Como tal, o título se insere no escasso, porém, crescente rol de títulos voltados especificamente a estudiosos do humor gráfico, no qual se incluem também os cartuns e os quadrinhos. Nesse sentido, é uma contribuição muito bem-vinda e certamente passará a ser uma referência para todos os que se dedicam ou venham a se dedicar a esse campo do conhecimento.

## Referências

FLÔRES, Onici. *A Leitura da Charge*. Canoas: Editora da Ulbra, 2002

GROSE, Francis. *Princípios de la caricatura*. Madrid: Katz Editores, 2011

LINS, Maria da Penha Pereira; GONÇALVES, Lorena Santana. *O humor como discurso de prevenção: o cartum sob a ótica da pragmática*. Vitória: UFES, 2012

MIANI, Rozinaldo. *Charge: elementos de teoria e subsídios para uma metodologia de análise*. São Paulo: Criativo, 2023.

NAVASKY, Victor S. *The art of controversy: political cartoons and their enduring power*. New York: Alfred A. Knopf, 2013.

Recebido em: 28.12.2023.

Aprovado em: 29.12.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional